



***DENTRO DE NÓS FLORESCERAM OS PRADOS: REPRESENTAÇÕES
DA VIOLÊNCIA EM PAULINA CHIZIANE***

*THE GRASSLANDS FLOURISHED WITHIN US: REPRESENTATIONS OF
VIOLENCE IN PAULINA CHIZIANE*

*LOS PRADOS FLORECIERON DENTRO DE NOSOTROS:
REPRESENTACIONES DE LA VIOLENCIA EN PAULINA CHIZIANE*

Maria do Carmo Cardoso Mendes¹

RESUMO:

A obra literária da escritora moçambicana Paulina Chiziane representa a violência exercida sobre mulheres em contextos opressivos e em relações desiguais de gêneros. Ao mesmo tempo, a ficção narrativa de Paulina Chiziane mostra os mecanismos procurados por mulheres oprimidas: o intimismo, a natureza e o esforço inabalável de reconhecimento da identidade feminina. O ensaio, centrado no romance *Balada de Amor ao Vento* (1990), tem assim como principais propósitos: 1) Identificar os papéis femininos; 2) Reconstruir os percursos de mulheres; 3) Destacar o contributo muito significativo de Chiziane sobre a afirmação da vozes das mulheres africanas.

PALAVRAS-CHAVE: Chiziane (Paulina), violência, literatura moçambicana.

ABSTRACT:

*The literary work of Mozambican writer Paulina Chiziane represents violence against women in repressive contexts and in unequal gender relations. At the same times, Paulina Chiziane's narrative fiction shows mechanisms pursued by oppressed women: intimacy, nature and unwavering effort to express female identity. The essay, focused on the novel *Balada de Amor ao Vento* (1990), has as main purposes: 1) To identify female roles; 2) To reconstruct women's paths in patriarchal societies; 3) To highlight Chiziane's very significant contribution concerning the affirmation of African women's voices.*

KEYWORDS: Chiziane (Paulina), violence, Mozambican literature.

¹ Universidade do Minho. E-mail: mariadocarmomendes2016@gmail.com



RESUMEN:

*La obra literaria de la escritora mozambiqueña Paulina Chiziane representa la violencia contra la mujer en contextos represivos y en relaciones desiguales de género. Al mismo tiempo, la ficción narrativa de Paulina Chiziane presenta los mecanismos buscados por las mujeres oprimidas: la intimidad, la naturaleza y un esfuerzo inquebrantable por expresar la identidad femenina. El ensayo, centrado en la novela *Balada do Amor ao Vento* (1990), tiene como objetivos principales: 1) Identificar los papeles femeninos; 2) Reconstruir los caminos de las mujeres en sociedades patriarcales; 3) Destacar la importante contribución de Chiziane en la afirmación de las voces de las mujeres africanas.*

PALABRAS-CLAVE: *Chiziane (Paulina), violencia, literatura mozambiqueña.*

1. *Niketze. Uma história da poligamia* (2002) é, porventura, o romance de Paulina Chiziane que mais aturadamente analisa a violência exercida sobre as mulheres africanas em contexto de desigualdade de gêneros, permitindo ao homem a multiplicidade de relacionamentos sexuais e conjugais (socialmente ratificados) e subtraindo à mulher idêntica prerrogativa. A obra de Chiziane é, como a da também moçambicana Lília Momplé, uma reflexão sobre violências étnicas, regionais, racionais, culturais e políticas.

Observamos neste reconhecido romance a luta da mulher negra pela emancipação em contexto pós-colonial, a procura da realização e da independência profissional, a intensidade da vida emocional (com destaque para a densidade psicológica da protagonista Rami), e a cumplicidade – mas também a conflitualidade – entre mulheres que parecem sentir que apenas junto de outras mulheres podem encontrar um eco das suas existências.

Estas questões atinentes a desigualdades de género, à condição da mulher negra, à violência que, literal e simbolicamente, procura minorizá-la, encontram-se, todavia, já plasmadas no romance publicado originalmente em 1990 *Balada de Amor ao Vento*. Pode mesmo afirmar-se que a preocupação com a mulher africana é um *leitmotiv* da vida e da obra de Paulina Chiziane. Esse interesse pela mulher é, em primeiro lugar, resultante de experiências pessoais e do conhecimento da realidade ancestral africana; torna-se, depois, um imperativo que contraria a quase completa ausência de obras escritas por mulheres moçambicanas: a condição da mulher em África é um “problema” que, nas palavras da própria escritora, não tem merecido suficiente atenção das próprias mulheres:

Falei com mulheres, mas também conheço histórias já seculares. Esse problema da mulher se arrasta há muito tempo. As próprias mulheres, quando escrevem, muito poucas vezes se debruçam sobre os seus problemas como mulheres. Em Moçambique, como em qualquer parte da África, a condição da mulher, a sua situação, o tipo de oportunidades que tem na sociedade, o estatuto que tem dentro da família, na sociedade, é algo que de facto merece ser visto (CHABAL, 1994, p. 298).

O título da obra de 1990 antecipa cataforicamente uma contaminação genológica: a que se faz entre o romance e a poesia narrativa. Subsumida em episódios sintéticos e lineares, a balada tem com frequência presentes elementos sobrenaturais, e valoriza a oralidade.

São várias as violências representadas em *Balada de Amor ao Vento*. Neste ensaio, sintetizo-as em três principais tipos: violência de gênero num contexto patriarcal e de fortes tradições que reforçam assimetrias de gêneros;² violência em relacionamentos entre as mulheres; e violência colonial.

2. Nos monólogos solitários de Sarnau – alternando com os capítulos narrados em terceira pessoa –, problematizam-se desigualdades de gênero na sociedade patriarcal moçambicana. Apresentadas em registo analético, as memórias de Sarnau acentuam experiências de sofrimento, sobretudo amoroso, que a marcam desde o princípio da adolescência. Os primeiros anos de vida localizam-se num cenário edênico, a localidade de Mambone, junto do rio Save, onde a natureza exerce um papel determinante na construção de uma felicidade infantil, que a passagem do tempo torna mais nostálgica e mais dolorosa:

Tenho saudades do meu Save, das águas azul-esverdeadas do seu rio. Tenho saudades do verde canavial balançando ao vento, dos campos de mil cores em harmonia, das mangueiras, dos cajueiros e palmares sem fim. Quem me dera voltar aos matagais da minha infância, galgar as árvores centenárias como os gala-galas e comer frutas silvestres na frescura e liberdade da planície verde (CHIZIANE, 2003, p. 11).

A nostalgia do passado, registada em discurso de primeira pessoa, constitui uma extensa lembrança. “Uma memória individual que se confronta com os ditames de uma sociedade tradicionalista” (MATA, 2000, p. 136), permite ao leitor conhecer uma mulher envelhecida e marcada pelo peso do sofrimento de uma longa existência. Todavia, a memória é também presentificação do passado, atualizado nas cores, nos aromas, nos animais e nas plantas.

A transição da infância para a adolescência é, em primeiro lugar, uma mudança espacial de efeitos negativos: Sarnau vive no empobrecido bairro da Mafalala, local de profunda miséria social. Mas o bairro da capital moçambicana é também o lugar do primeiro amor e da aprendizagem da expectativa social sobre o lugar que a mulher deve ocupar. Curiosamente, o romance estabelece uma oscilação entre um discurso mais intimista e menos racionalmente elaborado (correspondente aos monólogos de Sarnau) e um relato mais reflexivo (contido nos capítulos narrados em terceira pessoa). Os dois discursos correspondem a duas vozes femininas: a de Sarnau é a voz de uma mulher precocemente envelhecida pela dureza da vida e pela incompreensão de um destino feminino que dita à mulher a submissão, mas que também revela a sua inabalável resiliência

² No ensaio “A língua da serpente: a auto-etnografia no feminino em *Balada de Amor ao Vento* de Paulina Chiziane”, Hilary Owen (2008: 161-175) dedica-se a uma análise exaustiva das questões de gênero exploradas pelo romance, focalizando a problemática das estruturas patriarcais que operam nos regimes colonial e pós-colonial.

às adversidades; a da narradora hétero-diegética expande-se em considerações mais profundas. Uma das mais relevantes prende-se com a análise do envolvimento amoroso – uma paixão de adolescentes, que haveria de se tornar num amor para toda a vida – entre Sarnau e Mwando. A paixão começa na natureza (mais uma vez e sempre o cenário de felicidade que de quando em quando toca a existência de Sarnau) e convoca o Génesis bíblico: Mwando, um rapaz instruído para o sacerdócio, é tentado, procura resistir, mas, como Adão, sucumbe à provocação sedutora: “Sentia a sua devoção abalada pela paixão. Não conseguia fugir às tramas da serpente, a Sarnau arrastava-o cada vez mais para o abismo (CHIZIANE, 2003, p. 21).

O próprio Mwando vive, em contexto familiar, uma existência que contraria tradições, costumes e ensinamentos seculares da cultura tradicional: substitui-se às irmãs, raparigas preguiçosas, nas tarefas domésticas; abandona Sarnau para se submeter a um casamento planeado pelos pais, e recusa a poligamia (prática comum no sul de Moçambique). Vive uma experiência pouco comum: a rejeição da esposa que lhe é imposta (uma mulher católica). Exibe comportamentos – sobretudo o choro – incompatíveis com estereótipos:

Os homens não choram, ensinam os pais aos filhos. Mwando é homem e chora, mas com razão. (...) As línguas do povo começaram a actuar, o caso não era vulgar. Onde já se viu um homem colar-se como um piolho nas capulanas da mulher, cozinhar para ela, lavar para ela. (...) Homem que se deixa dominar por uma mulher, não merece a dignidade de ser chamado homem, e muito menos ser considerado filho de Mambone. (...) Homem que teima em viver com uma só mulher, ainda por cima preguiçosa, não é digno de ser chamado homem. O galo que não consegue galar todas as frangas é eliminado, não presta (CHIZIANE, 2003, p. 60-66).

É, todavia, à protagonista que está reservado um futuro mais sombrio, antecipado pelos conselhos e previsões maternos: “Sarnau, em breve partirás para a escravatura. Chamar-te-ão preguiçosa, estúpida, feiticeira” (CHIZIANE, 2003, p. 35). Sarnau é escolhida para se tornar esposa de Nguila, filho do rei, graças a qualidades que a rainha-mãe nela encontra: “Foi assim que as conselheiras da rainha se viram obrigadas a procurar em todo o território uma mulher que fosse bela, bondosa, trabalhadora, fiel, que não fosse feiticeira” (CHIZIANE, 2003, p. 37) e, como a cultura tradicional impõe, participa na cerimónia do lobolo.³

O capítulo 5 do romance é aquele que mais exaustivamente problematiza a desigualdade de géneros e a violência sobre mulheres, plasmada na antinomia senhor-serva: “o homem é o Deus na terra, teu marido, teu soberano, teu senhor, e tu serás a serva obediente, escrava dócil, sua mãe, sua rainha” (CHIZIANE, 2003, p. 43). Este pressuposto cultural legitima a violência física e a prática da poligamia, ambas experienciadas por Sarnau, e é reforçado pela ausência de alfabetização da mulher, assim como pela sua dependência material do marido:

³ Os estereótipos que diminuem o papel social da mulher são motivos reiteradamente tratados na obra literária de Paulina Chiziane, como pode ler-se no ensaio de Inocência Mata (2000, p. 135-142).

(...) o teu homem é teu senhor. Se ele, furioso, agredir o teu corpo, grita de júbilo porque te ama. (...). Se ele trazer uma amante só para conversar, prepara a cama para que os dois durmam, aqueça a água com que se irão estimular depois do repouso. O homem, Sarnau, não foi feito para uma só mulher. (...) O meu marido assinou o livro com uma caneta de ouro e eu apenas marquei o sinal do meu dedo (CHIZIANE, 2003, p. 43).

É significativa no romance a recorrência de imagens que apresentam o casamento como prisão, escravatura e formatação da mulher, ou ainda como conclusão de um processo social no qual ela é, através do lobolo, um bem transacionável, capaz de assegurar não a sua felicidade, mas a felicidade – pelo menos, o conforto material – da família: “Como o milho, serás amassada, triturada, torturada, para fazer a felicidade da família. Como o milho suporta tudo, pois esse é o preço da tua honra” (CHIZIANE, 2003, p. 46-47).

O casamento com o rei da tribo Zucula é para Sarnau uma experiência de brutalidade física e psicológica – ainda que episodicamente matizada pela “vida de soberana” que desperta inveja junto das mulheres da sua tribo –, de inconformismo com a poligamia e de submissão à pressão da procriação. Recupero algumas das mais exemplares passagens do romance que retratam o comportamento esperado da mulher casada e o conflito que em Sarnau se estabelece entre expectativas sociais e desejos pessoais: “Arremessou-me um violento pontapé (...). Enviou-me uma bofetada impiedosa que fez saltar um dente. (...). Aprende a ser serva obediente e serás feliz. (...) demonstra a tua superioridade sobre essa cadela com quem acaba de dormir” (CHIZIANE, 2003, p. 26-27).

3. Sarnau é uma personagem em conflito com a esmagadora maioria das mulheres: ainda muito jovem, assiste à cerimónia de iniciação dos rapazes da sua aldeia e é ridicularizada por todas as raparigas à sua volta. Sarnau é masculinizada, apartada de estereótipos femininos que suscitam o interesse masculino, como pode observar-se no seguinte comentário: “A Sarnau é pau de carapau. Nem curso no peito, nem curva no rabo, é estaca de eucalipto, mulher é que não” (CHIZIANE, 2003, p. 15). Depois do casamento, a própria interioriza uma autoimagem depreciativa, ora porque não está grávida – ao contrário de uma das amantes do marido – ora porque não apresenta as tatuagens da rival, capazes de seduzir um homem, ora ainda porque a sua pele é mais escura que a de Mayi:

Reparei bem nela. Tinha o peito cheio e o ventre muito dilatado. Estava grávida, meu Deus, enquanto eu que sou a primeira ainda não senti lá dentro a lombriga da gravidez. (...) Dizem as línguas do mundo que Mayi tem tatuagens nas coxas e no baixo-ventre que falam e até cantam. Que todas as manhãs, cobras de feitiço lambem-lhe o corpo, cospem sobre ela e é por essa razão que tem a pele mais clara e mais macia (CHIZIANE, 2003, p. 56-57).

O sistema poligâmico reforça de modo muito acentuado a conflitualidade entre mulheres: cada esposa procura superar uma rival e a competição pela atenção do marido é geradora de uma

permanente instabilidade nas relações femininas, para a qual também contribui a perpetuação de crenças ancestrais defendidas por mães e avós. Além disso, a poligamia acaba por se converter numa justificação de Sarnau para a prática do adultério e por acentuar a crença em poderes tradicionais de feitiçaria, que desmereçam uma rival diante do marido polígamo.

4. Mwando é um moçambicano assimilado. Conceitos como a poligamia e o politeísmo estão ausentes da sua visão do mundo. Simboliza, por isso, um conflito apresentado no romance entre sistemas culturais distintos: o sistema colonial e o sistema ancestral africano. Se na adolescência a sua convicção cristã o levou a rejeitar o amor de Sarnau e a casar com uma mulher, também cristã, na idade adulta toma consciência das práticas brutais da colonização quando é deportado para Angola. “terra do degredo, da cana, do cacau e do café. Alguns deles eram condenados por crimes graves, outros por caprichos sem fundamento e mais outros simplesmente porque eram negros” (CHIZIANE, 2003, p. 116). A música que os deportados ouvem na viagem de barco até Angola recorda-nos o valor que géneros como os espirituais negros e os blues tiveram como gritos de revolta contra a prepotência colonial: “A canção é a alma do negro” (CHIZIANE, 2003, p. 125). Esta experiência permite a Mwando tomar contacto com a discriminação racial, a brutalidade sobre negros e a desumanização a que foram submetidos por colonizadores:

Os capatazes desceram ao porão e lançaram outros gritos:

– Eh cães, zarpem daí depressa que o porão está a inundar-se, pretos de carvão (CHIZIANE, 2003, p. 118).

Em Angola há um pedaço de terra adubado com sangue. Por baixo de cada sombra reside o corpo de um preto anónimo, confirmam os mais velhos (CHIZIANE, 2003, p. 125).

A deportação para Angola, durante quinze anos, permite a Mwando cumprir a sua vocação – e usufruir de um tratamento privilegiado junto dos colonos –, mas não ilude o desejo de regresso à terra natal e de reencontro com Sarnau. A mulher que encontra nos bairros empobrecidos de Lourenço Marques é uma prostituta desencantada. Muito embora o romance apresente um final feliz, o do reencontro de Mwando com a mulher que sempre amou e com os filhos que foi forçado a abandonar, não creio que se possa concluir que *Balada de Amor ao Vento* sugira uma leitura reconfortante, romanticamente encerrada.

Trata-se, isso sim, de uma narrativa de múltiplas violências: entre homens e mulheres, entre mulheres, entre crenças e sistemas culturais que se enfrentam (a monogamia e a poligamia; o monoteísmo e o politeísmo). Se algum elemento suscita uma visão reconciliada com o universo, penso que esse elemento se encontra na natureza: na floresta que Sarnau procura como refúgio e confidente; nas águas purificadoras do rio; na proximidade com animais, porventura menos bestializados que seres humanos.

A obra de Paulina Chiziane, apresenta mulheres que constroem a sua identidade em confronto com o poder hegemónico masculino e que, nessa construção, contribuem para a edificação da identidade nacional e cultural de Moçambique. Como a própria autora defende,

Coloquei no papel as aspirações da mulher no campo afetivo para que o mundo as veja, conheça e reflita sobre elas. Se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura da forma como pensam e sentem, ninguém o fará da forma como elas desejam (CHIZIANE, 1994, p. 16).

Paulina Chiziane, autora do primeiro romance moçambicano escrito por uma mulher, plasma em *Balada de Amor ao Vento* temas e motivos recorrentes na sua obra literária. A condição feminina assume o primeiro lugar na ficção da escritora; através dela, são questionados valores ancestrais africanos e estereótipos culturais; mas são também apontados rumos de emancipação feminina e modos de tornar audível a voz muito tempo silenciada das mulheres em África. Não obstante a violência que a rodeia – masculina, social, racial – a Mulher moçambicana, simbolicamente representada em Sarnau, porventura a inspiradora das personagens femininas de todos os romances que se seguiram a *Balada de Amor ao Vento*, defende a sua liberdade como mulher, rejeita estereótipos e uma visão do mundo que procura encarcerá-la em padrões de submissão, obediência e resignação.

Referências:

CHABAL, Patrick. **Vozes moçambicanas. Literatura e nacionalidade**. Lisboa: Vega, p. 292-301, 1994.

CHIZIANE, Paulina. **Balada de Amor ao Vento**. Lisboa: Caminho, 2003 [1990].

CHIZIANE, Paulina. Eu mulher, por uma nova visão do mundo..., Afonso, Ana Elisa de Santana (org.). **Eu mulher em Moçambique**. Moçambique: AEMO, p. 11-18, 1994.

GALVÁN, Enrique y GALVÁN, Fernando. El discurso colonial en *Balada de Amor ao Vento* de Paulina Chiziane. **Rapsoda. Revista de Literatura**, nº 1, p. 25-38, 2009.

MATA, Inocência. Paulina Chiziane. Uma coletora de memórias imaginadas. **Metamorfoses**, nº 1, p. 135-142, 2000.

OWEN, Hilary. A língua da serpente: a auto-etnografia no feminino em *Balada de Amor ao Vento* de Paulina Chiziane. Ribeiro, Margarida Calafate e Menezes, Maria Paula (orgs.). **Moçambique. Das palavras escritas**. Porto: Edições Afrontamento, p. 161-175, 2008.